



Revista Latinoamericana de Psicopatologia
Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em
Psicopatologia Fundamental
Brasil

Costa Pereira, Mário Eduardo

Henry Maudsley e a tradição psicopatológica inglesa

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. V, núm. 2, junio, 2002, pp. 126-129

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017673010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Henry Maudsley e a tradição psicopatológica inglesa

Mário Eduardo Costa Pereira

Inegavelmente, a contribuição inglesa à nascente psicopatologia científica do século XIX foi bastante modesta em relação ao vigoroso movimento teórico e classificatório observado no mesmo período na Europa continental, sobretudo na Alemanha e na França. Inscrita em uma tradição muito mais afeita à fineza das observações clínicas, a psiquiatria na Inglaterra e em todo o Reino Unido preocupava-se antes das questões práticas e descritivas do que com a criação de uma ciência dos fenômenos mórbidos do psiquismo.

Tal fato pode ter contribuído para o relativo desconhecimento das produções inglesas mais relevantes no terreno da psicopatologia daquele período. Nesse sentido, o nome de Henry Maudsley ocupa um lugar primordial, constituindo um de seus principais teóricos e cuja obra teve a importância reconhecida a seu tempo, tanto em seu país como pelos grandes nomes da psiquiatria no estrangeiro.

Esse grande psiquiatra inglês nasceu em uma fazenda dos arredores de Yorkshire, em 1835 – o mesmo ano em que nasce seu compatriota Hughlings Jackson. Provindo de um meio tradicional e conservador, Henry Maudsley cresce relativamente ao largo de um ambiente cultural absolutamente rico e estimulante: Darwin, Carlyle, Dickens, Herbert Spencer, J. S.

Mills entre outros desenvolveram o essencial de suas respectivas obras durante os anos de sua juventude.

Médico talentoso, grande polemista e brilhante escritor, Maudsley realiza a façanha de ser nomeado superintendente médico do Manchester Royal Lunatic Hospital com apenas 24 anos de idade, sem ter qualquer treinamento formal em psiquiatria ou em administração. Essa atividade teria importância decisiva em sua formação, dando-lhe uma oportunidade incomparável de aprofundamento no campo psiquiátrico. Ele permanece nessas funções por três anos e em seus relatórios anuais escritos para aquela instituição, Maudsley destaca a importância do tratamento precoce nos distúrbios psiquiátricos, sustentando também a idéia de que “as supostas causas de insanidade em cada caso não poderiam de forma alguma serem definidas como causas eficientes, que haveria comumente muitas causas parciais ou condições para a doença, algumas predisponentes, outras excitantes” (cf. Lewis, 1979).

Essa seria uma das marcas do pensamento de Maudsley: mesmo aderindo a uma perspectiva biológica da doença mental, ele considerava que essa causalidade jamais teria uma ação linear e direta, dependendo de uma interação dinâmica com o psíquico e com as condições do meio. Maudsley foi um dos introdutores na Inglaterra das idéias de Morel sobre a degenerescência e considerava que a predisposição hereditária constituiria a etiologia mais importante dos transtornos mentais, embora esta só pudesse se manifestar em condições favoráveis para a eclosão da psicopatologia.

De fato, Maudsley considerava o homem parte da natureza e suas dimensões moral e psicológica seriam “estritamente dependentes da estrutura física do cérebro” (Ibid.). Segundo seu ponto de vista, toda a concepção dualista do homem é insustentável e a atividade mental pode, com toda a legitimidade, ser estudada segundo o método científico. Nesse contexto, a psicologia deveria ser considerada uma fisiologia cerebral. Entretanto, em relação à insanidade, dois elementos sempre deveriam ser tomados em consideração: “o sujeito e seu meio, o homem e suas circunstâncias, força subjetiva e forças objetivas” (Ibid.). A questão que se colocaria, portanto, é a da determinação das causas da disjunção desarmonica instalada entre essas dimensões, provocando o distúrbio mental manifesto.

Maudsley sempre insistiu na importância dos conflitos interiores do homem, na relevância das questões relativas à sexualidade e na necessidade, para o clínico, de conhecer e investigar profundamente a história pessoal de cada paciente, uma vez que a predisposição herdada só pode ser compreendida e manifesta à luz das condições de desenvolvimento individuais.

Ainda nesse contexto, Maudsley considerava que a consciência constitui apenas um elemento incidental na atividade mental, iluminando somente uma parte desse processo sem, contudo, determiná-lo. Os motivos do comportamento, segundo ele, “são vários e a maior parte de seu trabalho é inconsciente”. Sua noção de “inconsciente” distingue-se claramente do conceito psicanalítico posteriormente

forjado por Freud, pois aquela aplica-se apenas de forma descritiva aos processos psicológicos, segundo o fato de que a atividade cerebral pode ou não ter uma expressão explicitamente apreensível no campo da experiência do sujeito.

Diretamente influenciado pelas concepções evolucionistas de seu tempo, pelas teorias francesas da degenerescência e por sua própria formação religiosa, Maudsley acreditava que a seleção natural conduziria à sobrevivência dos melhores, levando à extinção dos degenerados. Ou seja, a natureza estaria encarregada de realizar o projeto da Vontade Divina do aperfeiçoamento progressivo dos homens e do mundo.

Outra preocupação maior de Maudsley eram as condições de hospitalização e de tratamento dos pacientes psiquiátricos, tendo criticado acidamente “um sistema que oferecia aos pacientes somente a monotonia de um encarceramento para toda a vida”. Em sua perspectiva clínica e terapêutica, cada paciente deveria ser considerado um indivíduo doente e não uma doença abstrata. É nesse sentido que o contato com o paciente e a descoberta das nuances de sua história pessoal ganham todo seu valor: numa perspectiva monista do humano, todo o estudo isolado dos fatores biológicos e materiais não poderiam constituir senão uma ficção abstrata com pretensões científicas.

Seu nome ficaria para sempre ligado ao hospital que porta atualmente seu nome, e que ele próprio ajudou a fundar com a doação de 30.000 libras ao London County Council, em 1907. Inaugurado em 1915, o Maudsley Hospital de Londres concretiza o projeto daquele grande psiquiatra de realizar “pesquisa científica exata sobre as causas e patologia das doenças mentais”. Sobre o plano clínico, Maudsley concebia uma instituição dedicada ao tratamento precoce dos transtornos psiquiátricos, sobretudo aquelas formas psicopatológicas mais leves, que não justificariam a internação nos asilos tradicionais, dando, também, grande ênfase à assistência à família dos pacientes.

Em 1867, Maudsley publica a primeira edição daquela que permaneceria sendo sua obra mais importante: *The Physiology and Pathology of Mind*. Em 1876, conforme o prefácio escrito por ele próprio em uma edição posterior, a primeira parte daquele livro seria publicada em um volume separado, intitulado *The Physiology of Mind*, seguido por um segundo volume, publicado em 1879 e intitulado *The Pathology of Mind*. Este último constituiria uma reformulação praticamente integral das idéias apresentadas na primeira edição no que concerne à definição de insanidade mental, suas causas e a delimitação da sintomatologia das diferentes formas clínicas.

O texto reproduzido no presente número da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* constitui o primeiro capítulo da edição de 1879 de *The Pathology of Mind*, em sua versão original em inglês. Este apresenta a concepção de Maudsley sobre a insanidade, permitindo visualizar a amplitude de sua perspectiva, sua recusa de todo dogmatismo e seu respeito à complexidade do objeto teórico de

que trata, levando em conta tanto sua dimensão biológica quanto seus aspectos simbólicos e culturais.

Physiology and Pathology of Mind constitui um marco na psiquiatria inglesa, decretando “o fim do período em que a psiquiatria permanecia sobre um magma de observações empíricas e de filosofia vazia, e dando consistência a uma síntese crítica de avanços biológicos e de outras naturezas que desempenham papel evidente sobre a atividade mental, na saúde e na doença” (cf. Lewis, 1979). Mais do que um compêndio ou um livro com intenções didáticas, ele constitui um tratado teórico e clínico de questões psicopatológicas fundamentais que devem ser lidas tanto em seu contexto de emergência histórica, quanto em relação aos problemas contemporâneos da psicopatologia e da psiquiatria.

Referências

- LEWIS, A. Henry Maudsley: his work and influence. Introdução a MAUDSLEY, H. *The Pathology of Mind: a Study of its Distempers, Deformities and Disorders*. Londres: Julian Friedmann Publishers, 1979.
- MAUDSLEY, H. *The Pathology of Mind: a Study of its Distempers, Deformities and Disorders*. Londres: Julian Friedmann Publishers, 1979.
- SHORTER, E. *A History of Psychiatry*. New York: John Wiley & Sons, 1997.